

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

“O CICLOPE” DE EURÍPIDES E O APAGAMENTO DO PATHOS ÉPICO: UM CASO DE ADAPTAÇÃO DA TRADIÇÃO

TRESOLDI, Tiago (autor)
BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (orientador)

tresoldi@gmail.com

Evento: Encontro de Pós-Graduação
Área do conhecimento: 80210007 / LETRAS – Literatura Comparada

Palavras-chave: Eurípides; sátira; tradição clássica.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa “O Ciclope” de Eurípides, única sátira grega clássica que possuímos integralmente e suas soluções na construção de uma peça satírica a partir de um dos principais e mais carregado de *pathos* temas épicos, o episódio de Odisseu e Polifemo no Livro IX da *Odisseia*. As adaptações e soluções que o autor propôs e empregou, com diferentes efeitos qualitativos, são analisadas com o intento de ilustrar a relação da produção literária com o antigo constituído em “clássico”, justificando-se pela exemplificação pontual para uma mais ampla teorização e concepção da sobrevivência do antigo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

São empregados os princípios da literatura comparada, já entendida com uma forma de historiografia literária e não como um mero comparativismo nacional, bem como as concepções de recepção da tradição cultural e literária de autores como Ernst Curtius e Hans Robert Jauss.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O texto original, junto a suas traduções, é analisado em paralelo com o Livro IX da *Odisseia* a partir da ótica do referencial teórico acima apresentado, buscando-se sempre compreender, na hipótese da permanência e do conhecimento do hipotexto para autor e público, as formas e as motivações para as várias alterações encontradas em termos de elementos e soluções narrativas, visando evidenciar como o significado do texto se construa a partir da obrigatória comparação entre estes, motivada inclusive pelas recorrentes referências intertextuais ao texto épico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do texto evidenciou como a adaptação da trama homérica, que por sua vez se sabe alimentar-se de múltiplas e divergentes versões, populares e literárias, se tornou necessária não apenas pela imediata distância entre os gêneros literários em questão (a sátira e a épica), mas pelas tradições narrativas de cada uma. Entre estas, cabe salientar o obstáculo de toda a dramaturgia grega clássica à representação de cenas de interiores (como ilustrado, por exemplo, na *Medeia* do mesmo autor) e a forçada alteração da trama base da caverna-prisão destacada do mundo; a natural perspectiva em terceira pessoa do drama, que se opõe à decisiva participação pessoal homodiegética da épica homérica; a prescrição satírica da inclusão de Sileno e dos Sátiros nas tramas representadas, em adição ao explícito dualismo Odisseu/Polifemo da épica homérica, com a consequente alteração da condição de invencível alteridade; a alteração cultural do princípio da *xenia*, motivação em Homero não apenas para o ultraje de Odisseu, mas para a própria guerra de Tróia, em Eurípides incorporada à esfera da ética e da legalidade da polis; a inadequação, para o momento do jocoso, da representação de episódios macabros como o do canibalismo, além da própria alteração da condição de Odisseu, em Eurípides muito mais próximo à Sísifo do que em Homero (baste pensar, por exemplo, em sua representação em *Hécuba*). Também cabe ressaltar a presença do texto homérico na recepção, pois é a consciência do desfecho da maldição de Polifemo pelo público, neste caso os atenienses do século quinto e não os Feácios literários, que permite encarar com leveza este episódio com grande potencial patético mesmo em sua tratativa satírica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do texto ressalta como, além das previsíveis alterações que se fazem necessárias no salto de gênero, de espaço, de tempo e de autor, o hipotexto “clássico” desempenha um papel constitutivo e legitimador da sátira de Eurípides. Ressalta-se a importância de considerar a recepção do clássico no estudo de toda obra que formalmente emprega material antigo desta maneira.

REFERÊNCIAS

Eurípides, *Il ciclope* (tradução, notas e ensaio introdutório de Guido Paduano). Milão (Itália): Rizzoli, 2005.